

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA**

Joana Verdum Selau

**Por um Corpo Equivocado: reflexões lacanianas do
corpo imagem ao corpo que goza**

Porto Alegre
2017

Joana Verdum Selau

**POR UM CORPO EQUIVOCADO: REFLEXÕES LACANIANAS DO CORPO
IMAGEM AO CORPO QUE GOZA**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como parte das exigências para a obtenção de título de Bacharel em Psicologia.

Área de Habilitação: Psicologia
Orientador: Manoel Luce Madeira

Porto Alegre
2017

Joana Verdum Selau

**POR UM CORPO EQUIVOCADO: REFLEXÕES LACANIANAS DO CORPO
IMAGEM AO CORPO QUE GOZA**

BANCA EXAMINADORA

Orientador – Professor Manoel Luce Madeira

Comentadora – Professora Simone Zanon Moschen

Porto Alegre, dezembro de 2017

Dedico este trabalho à todas as mulheres
que tidas como objeto, tiveram seus corpos manipulados e usados.
Mulheres, as que sempre foram relacionadas como provindas do pecado e do erro,
erro próprio dos corpos:
é tempo de dança, de corpo, de erro e de alma.

Agradecimentos

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul, ao Instituto de Psicologia, mas principalmente à todas as amigas e amigos do Diretório, DAP, Dasein e ao Samuel, que me acolheu no meu primeiro dia de diretório, mostrando-me como caminhar-furar aqueles pátios prédios muros.

À Gô e Ric, cada qual a sua maneira, pelas palavras para alimentar texto e coração, e que, com a força e cuidado de sempre, me emprestaram corpo para que eu chegasse até aqui.

À Ju, irmã de sangue, conhecimento, alma e intuição.

À todas e todos os colegas de curso desses compridos sete anos, veteranos e calouros, mas, pela escolha entre multidões, à Ceci, Nina, Bru e Isa, que também me ensinou sobre uma amizade que ultrapassa as dualidades, grande mestra.

Ao Thomaz, pelo compartilhamento da vida de um casal que se esqueceu de pedir a orientação sexual da norma. Quem me emprestou ouvidos, voz, choro e riso para que esse trabalho fosse enfim parido, nosso primeiro filho.

À minha primeira grande mestra de Yoga, Jamile, pelo seu cuidado e atenção que possibilitaram que eu habitasse meu corpo pela primeira vez.

À Jorge e Nacho, opostos complementares em seus ensinamentos, que me guiaram para que eu re-descobrisse meu corpo e além dele pela segunda vez.

Ao professor Ádrian Muñoz, que me possibilitou ver e acreditar que eu poderia escrever sobre aquilo que eu quisesse.

Ao professor Manoel, pela conexão, apoio e por me ajudar a desenrijecer a letra.

Resumo

Este trabalho surge no intento de encontrar novas maneiras de ocupar-se com o corpo. Partindo da psicanálise proposta por Jacques Lacan, se busca encontrar algum caminho e lugar possível para um corpo errante, mortificado pela linguagem, marcado pelo discurso científico e religioso. O texto está dividido em quatro partes, sendo as três primeiras, dedicadas ao corpo segundo a perspectiva dos três registros de Lacan, Real, Simbólico e Imaginário: a primeira, diz do corpo vinculado ao Imaginário, através da imagem; a segunda, do corpo mortificado pelo significante, no registro do Simbólico; a terceira, casa do Real, o corpo como sinônimo de gozo. A quarta parte, está dedicada em articular esse corpo entendido como erro da ciência e da religião com o corpo que goza, como possibilidade de encontrar, na experiência, algo que diga do poético e do extraordinário de cada sujeito.

Palavras-Chave: corpo; Lacan; psicanálise; gozo; real; experiência.

Se você quer entender, sinta.

Pina Bausch

“Eu sou corpo e alma” – assim fala a criança.

E por que não se deveria falar como as crianças?

Mas o homem já desperto, o sabedor, diz: “Eu sou todo corpo e nada além disso;

e alma é somente uma palavra para alguma coisa no corpo”.

O corpo é uma grande razão, uma multiplicidade com um único sentido,

uma guerra e uma paz, um rebanho e um pastor.

Instrumento de teu corpo é, também, a tua pequena razão, meu irmão, à qual chamas

“espírito”, pequeno instrumento e brinquedo da tua grande razão.

“Eu” – dizes; e ufanas-te desta palavra.

Mas ainda maior – no que não queres acreditar – é o teu corpo

e a sua grande razão: esta não diz eu, mas faz o eu.

Aquilo que teus sentidos experimentam, aquilo que o espírito conhece,

nunca tem seu fim em si mesmo. [...]

Instrumentos e brinquedos, são os sentidos e o espírito;

atrás deles acha-se, ainda, o ser próprio.

O ser próprio procura também com os olhos dos sentidos,

escuta também com os ouvidos do espírito. [...]

Atrás de teus pensamentos e sentimentos, meu irmão, acha-se um soberano poderoso,

um sábio desconhecido — e chama-se o ser próprio. Mora no teu corpo, é o teu corpo.

Mensagem aos “desprezadores do corpo”,
em Assim Falou Zaratustra - Nietzsche, 1977, p. 51

Introdução

"Aquele que percebe a verdade do corpo pode vir a conhecer a verdade do universo." Ratnasára

O corpo é uma linguagem silenciosa, ou seja, basta-se que esteja corpo presente, em movimento (e repouso), se faz possível produzir linguagem. Isso porque, como nos ensinou Jacques Lacan, o corpo é construído a partir da linguagem. Ainda assim, seria impossível para nós dizer qual vem primeiro, pois ainda que a linguagem construa um corpo, o corpo constrói a linguagem, e para além também dela (r)existe, cria, goza.

Assim como a psicanálise fisga a existência de um sujeito do inconsciente, não senhor de sua própria casa, a afirmação de Benedito de Espinosa (ou Benedict de Spinoza) na qual ele diz que nenhum de nós sabe ao certo aquilo de que um corpo é capaz, desacomoda a alma em sua típica prepotência como exclusivo centro da existência do ser. Mas o que pode um corpo? Desde uma imagem especular que unifica o Eu, passando por sua mortificação, através da linguagem e do discurso, até chegar à um corpo que goza, onde pode, enfim, exprimir algo de sua potência. Esse trabalho surge no intento de encontrar novas maneiras de ocupar-se com o corpo, na busca em encontrar algum caminho e lugar possível para esse corpo errante, tomado como objeto da ciência, como o pecado pela Igreja, como utensílio falho pela filosofia tradicional e como instrumento de controle do Estado — desprezadores do corpo .

A proposta é simples: tecer um caminho do corpo a partir de uma leitura de Jacques Lacan, tomando a psicanálise como fio condutor dessa malha que busca, sem pretensões de dizer verdades – pois a verdade é impossível de ser dita em palavras, como já disse Lacan, em entrevista à televisão (1993 p. 75) –, tramar-se um corpo vivo nos seus equívocos. Equívocos próprios do corpo, tomados com maus olhos àqueles que o desprezam, mas que podem, no erro, contar algo do detalhe e da beleza de cada um. Esse texto é também corpo, que grita desejo, equívoco e potência.

Escuta e sente.

I. Do corpo que olha

Começamos nossa busca por esse corpo perdido fazendo uma breve passagem pelo tema com o qual Lacan inicia sua jornada pela psicanálise, quando em agosto de 1932 expõe suas proposições acerca do estágio do espelho no XVI Congresso da IPA em Mariembad.

Logo no início do texto “O estágio do espelho como formador da função do Eu”, Lacan vai nos situar essa função como uma experiência que vai na direção contrária a de proposições filosóficas que tratem do Cogito. A nota de rodapé que acompanha o título do texto em português (1998) especifica que esse Eu do qual o texto trata, diz respeito ao sujeito do inconsciente, sujeito por excelência do qual vai se ocupar a psicanálise. Com o intuito de diferenciar este Eu da ideia de um eu racional, de um sujeito consciente e dono de sua razão, um eu do *Cogito* de quem partiria a frase de Descartes “Penso, logo existo”. Lacan localiza o Eu como aquele que encontramos a partir dos acontecimentos do estágio do espelho e como aquele oriundo da experiência psicanalítica. Portanto, desde já sabemos que não estamos nos referindo à um sujeito da racionalidade.

O Estágio do Espelho é uma metáfora da qual Lacan se utiliza para identificar o momento em que se faz possível a formação do Eu. Onde a existência, que se dá para além e anterior ao pensamento, pode fazer registro. Para isso, Lacan traz em cena o instante no qual uma criança, ainda em seus primeiros meses de vida e sem uma inteligência instrumental de seu corpo estabelecida, passa a reconhecer-se no espelho. Através de uma apercepção situacional – conceito resgatado por Lacan na mímica do *Aha-Erlebnis* – a criança se reconhece, passando por um processo de síntese criativa, na qual uma amálgama de elementos passam a formar uma unidade de onde novas propriedades podem ser criadas. É a partir de uma Gestalt visual que esses elementos dispersos passam a formar um conjunto.

Este ato de inteligência em reconhecer a imagem, também é observado nos macacos, que demonstram alarde sobre a imagem refletida, contudo, na criança, Lacan vai dizer que ele não se esgota aí. A criança passa a experimentar ludicamente os movimentos que a imagem reflete em relação a seu próprio corpo, aproximando complexo virtual do espelho com a realidade de seu corpo e do que a cerca. (Lacan,

1998 p. 97) É aqui onde a experiência corporal da criança passa a ter um lugar naquilo que é externo a seu corpo. Uma dança a dois entre a imagem e a experiência corporal.

O regozijo dessa dança, da admissão dessa imagem especular como si, é o que demonstra, para Lacan a precipitação de um Eu. Numa forma primordial, forma de um resto que se configura no que podemos entender como o Eu Ideal, esse Eu se apresenta a partir de um processo de identificação, ou seja, “a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem” (Lacan, 1998 p. 98).

Há algo de muito valioso que podemos tirar desse ensinamento de Lacan, onde encontramos esse corpo imerso no campo do Imaginário. É que para se fazer um corpo, se necessita uma dança entre um organismo vivo e uma imagem. O corpo é estrutura fundamental, como o que dá forma e coesão para o Eu. Dessa dança, o Eu que se estabelece é sempre ficcional e discordante da realidade, porquanto identificado com uma imagem. Entretanto, é somente por conta do reconhecimento de uma unidade nessa forma que se vê como imagem, que se sustenta o sentimento de uma unidade do próprio corpo e de si. O estágio do espelho é vivido como uma dialética temporal, que projeta a formação do indivíduo.

o estádio do Espelho é um drama cujo alcance interno se precipita da insuficiência para a antecipação e que, para o sujeito, tomado no equívoco da identificação espacial, urde os fantasmas que se sucedem de uma imagem esfacelada do corpo para uma forma que chamaremos ortopédica de sua totalidade (Lacan, 1998 p. 100)

É necessário que haja um suporte simbólico: o Outro, seu olhar, sua palavra, seu desejo, seu corpo. Poderíamos dizer que, neste momento, é fundamentalmente a imagem do corpo externa – seja a refletida no espelho, ou no corpo de um Outro – o que dá consistência e unidade ao Eu. Acontece aqui uma identificação imaginária, uma captura de uma imagem e a fascinação por essa forma que se relacionaria com a completude, o Eu Ideal.

Partimos de um corpo despedaçado, identificamos uma unidade corporal e supomos uma coesão do Eu, ilusória, fantasiosa, mas que nos servirá como base, base

do Eu, e, sincronicamente, base de uma elaborada fábula pessoal de um corpo que persevera.

II. Do corpo que escuta

Se no corpo do Estágio do Espelho de Lacan, poderíamos considerar que para se fazer corpo é necessário, além de um organismo vivo, uma imagem unificada que possibilite algo de uma amarração, pouco depois, Lacan começa a direcionar seus ensinamentos no sentido de considerar o significante como aquilo que introduz o discurso no sujeito e no organismo, buscando compreender os efeitos da entrada do sujeito no campo do simbólico. Ocorre uma virada naquilo que podemos apreender sobre o corpo em Lacan: o corpo, antes organizado pela imagem, passa a habitar o campo dos significantes. Um corpo marcado pelo simbólico: que se faz corpo em sua relação com a fala, com a linguagem, com o Outro.

A partir do texto de 1953 “Função e Campo da Fala e da Linguagem em Psicanálise”, que marca a linguagem como central na psicanálise lacaniana, podemos entender o corpo como uma construção que parte do significante para além da imagem. Com a introdução do registro Simbólico, a alienação do sujeito, antes referente à imagem do espelho, passa a ser uma alienação estrutural ao Outro da cadeia significante (Cukiert; Prizskulnik, 2002 p. 146). É necessário que a criança esteja sob o olhar de um Outro e também inserida em seu campo de significantes, pois é a partir do reconhecimento e da nomeação ofertada pelo Outro que a criança pode entrar no registro Simbólico. É, portanto, por meio daquilo que o Outro lhe oferta enquanto significantes que a criança é ensinada a se reconhecer. Colette Soler (2010) vai dizer que o primeiro corpo, ou o corpo verdadeiro seria aquele denominado pela linguagem.

Dicho en otras palabras, ese cuerpo al que llaman el suyo es un obsequio del lenguaje. (...) el cuerpo, si es Uno, el nuestro, es porque nosotros lo decidimos, porque le atribuimos una singularidad. (C. Soler, 2010)

Aquilo que num momento era apenas organismo vivo só pode ser convertido em corpo com a introdução do Uno pelo significante, produzindo traço no corpo. Podemos dizer que a linguagem é o que faz borda no corpo, delimitando-o. Pois é a medida que se nomeia o corpo que ele passa a existir, é o significante que insere o discurso no organismo. Esse significante diz de uma verdade sobre o corpo e, como nos ensina Lacan, a verdade tem estrutura de ficção (Lacan, 1956-1957, p. 259).

O discurso constrói o Eu e seu corpo, organizado de tal forma a ser percebido como se existisse uma unidade, uma identidade, uma substancialidade que parte de uma verdade única, mas que, no fim, diz da construção de uma história ficcional pessoal de cada sujeito, de um mito individual. Portanto, ainda que haja um deslocamento da imagem para a linguagem, o que permanece é que a relação com a verdade — seja enquanto imagem, seja enquanto discurso — se dá de forma espectral.

Não existe nada no mundo que carregue em si mais denominações que o corpo humano, cada centímetro de um corpo é nomeado. Por toda a sua extensão cabem inúmeras especificações e decorrentes especializações que se ocupem delas, compartimentalizadas. Também há que ressaltar que essas partes em separado, podem elas mesmas servirem como significante, exercendo função para além do corpo vivo e nomeando outras partes de diversos outros objetos inanimados (pé da mesa, braço da cadeira, cabeça de alho), formando expressões (pé na bunda, de pernas para o ar, menina do olhos), nomeando sensações ou estados (frio no estômago, cabeça nas nuvens).

O corpo enquanto este que se assume através da linguagem, é unificado pelo significante. Ao mesmo tempo, esse significante opera um recorte no corpo, subordinando-o a ordenação da linguagem. Para Lacan a própria linguagem é um corpo, ele diz:

A fala, com efeito, é um dom de linguagem, e a linguagem não é imaterial. É um corpo sutil, mas é corpo. As palavras são tiradas de todas as imagens corporais que cativam o sujeito (Lacan, 1953 p. 302)

Assim como o Inconsciente se estrutura como linguagem, poderíamos pensar num corpo estruturado também como linguagem, no qual cada parte, cada porção desse corpo antes despedaçado, é nomeada. Se lhe atribui função, membro, apêndice, prazer ou dor, e a sua nomeação forma corpo, um corpo delimitado e imerso nos significantes do Outro. Esses significantes já estão ali antes do sujeito, diz daquilo que constrói o sujeito, mas diz também daquilo que o sujeito constrói com o que lhe é ofertado, onde a ordem do significante é efeito da cadeia dos significantes. Não há qualquer particularidade de sentido presente em um elemento solto dessa cadeia, mas sim, é na cadeia do significante que se faz possível produzir sentido. É da estrutura do significante, conectar-se a outros significantes para formar cadeia. Assim também no organismo vivo, inicialmente massa de modelar solta no espaço e que, a partir do encadeamento de suas partes num discurso, se faz corpo, que sente, que rasga, que vibra.

O significante como tal não se refere a nada, a não ser que se refira a um discurso, quer dizer, a um modo de funcionamento, a uma utilização da linguagem como liame (Lacan, 1972-1973/1985 p. 43)

É no discurso que se faz uma amarração desses significantes, produzindo algum significado possível, assim, o que produz sentido é efeito do discurso. Esse discurso está presente como uma ordem anterior ao sujeito e é a partir dela que se faz possível algum tipo de laço entre os seres falantes. No seu seminário sobre a Lógica do Fantasma, que data de 10 de maio de 1967, Lacan vai designar que o corpo mesmo é originalmente esse lugar do Outro, pois ali é onde, desde a origem se produz uma marca como significante no sujeito (Lacan, 1967).

A ordem Simbólica pré-existe ao sujeito, marcando-o e permanecendo como tal fora dele. Isso significa dizer que o discurso está presente antes do nascimento do sujeito, antes mesmo de haver um organismo vivo ou de que o sujeito possa falar, ele já

é falado. Pobre Jó (Bíblia, p. 967), enganou-se ao dizer que deixou o ventre de sua mãe nu, e assim partiria da terra, não sabia ele que toda criança já vem banhada de simbólico, que o discurso pré-existe a vida do sujeito e que, paradoxalmente, permanecerá também após a sua morte.

Quién no sabe el punto crítico del cual datamos en el hombre el ser hablante: la sepultura, es decir donde se afirma de una especie que al contrario de cualquier otra, el cuerpo muerto guarda lo que al viviente otorgaba el carácter: cuerpo [corps]. Cadáver [corpse] queda, no se torna carroña, el cuerpo que habitaba la palabra, que el lenguaje cadaveriza [corpsitiat]. (Lacan 1977/1993 p. 12)

O sujeito do significante está antes na palavra do que no corpo, e se por um lado é a palavra que faz de um organismo corpo, por outro, ela o cadaveriza. Enquanto sujeitos do significante, nos separamos do corpo: é que para a palavra não interessa se o corpo está vivo ou morto.

Incorporal es la función, que hace realidad de la matemática, la aplicación de mismo efecto para la topología, o el análisis en un sentido amplio para la lógica. Pero es incorporada que la estructura produce el afecto, ni más ni menos, afecto solamente a considerar de lo que del ser se articula, no teniendo más que ser de hecho, o sea de ser dicho desde alguna parte. Por lo que se comprueba que para el cuerpo, es secundario que esté muerto o vivo. (Lacan, 1977/1993 p. 12).

Antônio Quinet (2017, p. 03) contribui para esse ponto ao colocar que, se algo nos permite dizer “eu tenho um corpo”, e considerar esse corpo como um atributo ao invés de tomá-lo como o próprio ser, isso se dá porque enquanto sujeitos do significante nós podemos prescindir dele. Se o sujeito está antes na palavra do que no corpo e permanece depois da morte, logo a duração do sujeito, sustentado pelo significante, ultrapassa a temporalidade do corpo. Isso porque na linguagem existe algo que diz do atemporal, Lacan vai chamar essa margem temporal produzida pela linguagem de margem mais-além da vida. Citada por Marco Antonio Coutinho (2000 p. 62), Catherine Millot vai dizer que, segundo Lacan, a pulsão de morte promove a existência da “autonomia do

simbólico, da dimensão da linguagem no homem, que parasita seu ser vivo e nele introduz o registro de um mais-além da vida”. Assim, a linguagem se relaciona à pulsão de morte por marcar o ser falante além de sua condição de vivente. (2000 p. 62)

O corpo está preso na cadeia da linguagem e é mortificado pelo significante ao ser tomado no registro simbólico. O significante mapeia o corpo e nele escreve a história e a anatomia históricas próprias a cada um. O corpo é um corpo histórico. Mas esse corpo pode estar morto ou vivo; estar calado no silêncio da pulsão de morte ou vibrar com Eros. Para estar vivo, este corpo precisa ser também um corpo que goza. Deste modo o corpo está nos três registros: no imaginário do espaço, no simbólico da linguagem e goza como corpo real. (Quinet, 2017, p. 79)

O corpo do simbólico é o que Lacan vai nomear como *corpsifiat*, corpo mortificado pela linguagem, uma espécie de corpo incorporal, que aparece como efeito do significante (Palácio 2010, p. 109). Produzido pelo significante, esse corpo, capturado, atravessado e mortificado na linguagem, fica amarrado à representação.

*Não é apenas do corpo vivo que o simbólico se apropria. Ele se apossa do corpo mesmo do seu nascimento e estende essa posse para além da morte biológica do corpo. Daí o jogo que Lacan faz com *corps* (corpo), *corpse* (cadáver) e *corpsifiat* (corpo que a linguagem cadaveriza).* (Garcia-Roza, 1990, p. 59)

Ainda que mortificado pelo significante, em “Radiofonia e Televisão” (1977/1993), Lacan vai reconhecer o corpo como o suporte da relação do sujeito com o significante, dizendo que

El cuerpo, si se le toma en serio, constituye en primer lugar todo lo que puede llevar la marca apropiada para ordenarlo en una serie de significantes. Desde esta marca, él es soporte de la relación, no eventual sino necesaria, puesto que sustraerse a ella es todavía soportarla. (Lacan, 1977/1993 p. 12)

Podemos concluir que se não existe suporte, não há possibilidade de haver sujeito, portanto se não há corpo, não há sujeito. Porém não é apenas de suporte que falamos quando tratamos do corpo sujeito. Como vimos, existe um corpo Imaginário e existe um corpo Simbólico, e ainda que nos seja possível tomar esse corpo como objeto dando-lhe nome, ainda que nos seja possível tocar o corpo, classificar, manipular, despedaçar o corpo, isso não faz desse corpo um corpo vivo, pois um cadáver poderia ele também ser identificado com esse corpo.

O corpo cadáver é o corpo da ciência, da medicina, corpo manipulado, segmentado em partes cada vez mais individualizadas e das quais especialistas se ocupam, corpo compartimento. Esse corpo mortificado não interessa àqueles que pensam a vida, não interessa à psicanálise, pois em um corpo morto não há sujeito. Aos saberes da vida interessa mais ocupar-se do corpo vivo, corpo que pulsa. E o que faz do corpo um corpo vivo é o gozo. Através da palavra do Outro — falada ou corporificada em gestos — que ecoa e afeta o corpo. Pulsão que ressoa na carcaça e faz mover — é somente porque há pulsão, que um corpo pode mover-se. Diz o cantor uruguaio Jorge Drexler: “Estamos vivos, porque estamos en movimiento” (Drexler, 2017)

Podemos pensar que ao utilizar a expressão *corpsifiat*, Lacan declara uma diferença com o cadáver que marca a medicina ocidental. O significante mortifica o corpo, dando nome à suas partes e funções, eternizando um ser para além da carne. Porém, se para a medicina o corpo — morto ou vivo — é território de intervenção médica ou serve como utensílio para produção de saber, para a psicanálise aquilo que mortifica a carne, ao mesmo tempo vivifica o corpo, produzindo sintoma e gozo.

(...) a verdadeira dualidade para a psicanálise não seria a dualidade corpo-linguagem, já que este corpo é ele próprio corpo-linguagem, mas sim a dualidade constituída pelo o que é ordenado (o que inclui tanto a linguagem como a representação do corpo) e aquilo que é exterior a ordem: as pulsões em estado bruto. Teríamos assim de um lado, o corpo-linguagem, e de outro o das pulsões, pura potência indeterminada. (Garcia-Roza, 1990, p. 53-54)

III. Do corpo que goza

um corpo é algo que é feito para gozar,

gozar de si mesmo

(Lacan, 1974/1993, p. 92)

Se algo nos permite dizer que existe um corpo vivo, é porque esse corpo goza. O gozo, para Lacan, é a “relação do ser falante com o seu corpo” (Lacan, 1971-72/2012, p. 21). Assim, só se concebe gozo pelo que é corpo, independente de qual a sua maneira de gozar, o corpo vivo é o corpo que goza.

É a partir de seu seminário “Mais, ainda” (1972-1973/1985) - que em francês leva o título de “Encore”, fazendo homofonia com “en corps” - que Lacan dá um peso maior ao corpo.

A primeira lição deste seminário vai tratar justamente Do Gozo, sendo inclusive o nome que leva a lição. Lacan vai identificar o gozo como “aquilo que não serve para nada”, reduzido a ser apenas uma instância negativa. Para isso, Lacan vai evocar, pela segunda vez¹, a palavra usufruto, apresentando a diferença entre o útil e o gozo, perguntando-se (-nos) para que serviria o útil. O usufruto diz daquilo que podemos gozar, porém não enxovalhar, ainda que haja nos modos de vida da contemporaneidade um imperativo do gozo, provocado pelo Superego, e exigido socialmente a partir do entendimento de que desfrutar da vida está relacionado ao excesso do gozo, o gozo diz de um direito e não de um dever (Lacan, 1972-1973/1985 p. 11).

O gozo, portanto, está nesse campo do usufruto, fugindo drasticamente de uma possível condição de utensílio. Gozo não está no campo da razão, naquilo útil ou entendido como necessário, ou da produção de um conhecimento pelas vias da crítica. O gozo, pelo contrário, está no irracional, e está essencialmente atravessado no corpo.

Lacan vai chamar de *amuro* aquilo que aparece como “signos bizarros no corpo” (Lacan, 1972-1973/1985 p. 13), caracteres, traços, que viriam — acreditamos nós — pela forma de gérmen. Não dizem da vida em si, pois nele também está presente a

¹ Evocado pela primeira vez no Seminário, livro 7: “A *ética* da psicanálise”

morte, mata o corpo por repeti-lo. Ainda assim, gérmen e soma não estão separados, como vai dizer Lacan, pois “ao alojar esse gérmen, o corpo leva seus traços”. Lacan se refere aqui ao amor e à impossibilidade da relação sexual, é uma certa maneira de provocação à um amor que se ilude na idéia de uma fusão dos corpos, o *amuro* é aquilo capaz de responder de maneira contingente, não necessária e não suficiente pelo gozo do corpo do Outro. É o que permite “*o encontro (...) dos sintomas, dos afetos, de tudo que em cada um habita o traço do seu exílio da relação sexual*” (Lacan, 1972-1973/1985 p. 198). Do *amuro* vem a resposta pelo gozo do corpo do Outro, que se apresenta sempre inadequado. O *amuro* carrega em si o traço que a impossibilidade da relação sexual produz como furo, instalando no corpo o modo de gozo de cada um.

De alguma maneira o gozo, diz Lacan, estaria marcado por esse furo que não lhe deixa outra alternativa senão a de relacionar-se ao gozo fálico. O significante opera um recorte no corpo, ao mesmo tempo que introduz a dimensão do sexual, isola do corpo um órgão, limitando seu gozo. Lacan, neste momento, parte de uma visão bastante heteronormativa² e sexista, dizendo que o "gozo fálico é o obstáculo pelo qual o homem não chega (...) a gozar do corpo da mulher, precisamente porque o de que ele goza é do gozo do órgão." (Lacan, 1972-1973/1985, p.15), quer dizer que o gozo ao qual teríamos acesso é denominado de fálico, porque está cerceado pelo significante. Por outro lado, Lacan vai dizer também de um gozo que está para além do falo, para além do órgão, e que diz de um gozo do ser. "Há um gozo, (...) gozo do corpo (...) para além do falo." (Lacan, 1972-1973/1985, p. 100)

O gozo é aquilo que, de fato, resta no desejo, “sua causa, e esteio de sua insatisfação, se não de sua impossibilidade”. Assim, existe um corpo orgânico, existem

² A heteronormatividade, segundo Cathy J. Cohen (2005), diz da instituição de uma normativa social que legitima a heterossexualidade em detrimento de sexualidades outras, vistas como desvios sexuais de um regime social heterossexual. Diz de uma normatização dos corpos e os desejos, por meio da naturalização da heterossexualidade.

Diversas áreas de saber vem se acercando às discussões de gênero e sexualidade a respeito da e da normatização dos desejos, temas propostas por autores como Judith Butler, Michel Foucault, Paul B. Preciado. Ainda que Lacan marque que a diferença sexual diz mais de um posicionamento do sujeito do que de uma questão de gênero, é importante que a psicanálise possa se repensar quanto às terminologias que segue utilizando e conseqüentemente, assumindo um posicionamento político frente às discussões atuais. Se a psicanálise pensa a construção do sujeito a partir do simbólico, dos significantes e significados, deveria atentar-se a quais discursos vem colaborando.

Para uma discussão mais aprofundada sobre as articulações entre gênero e psicanálise ver “*A psicanálise é cisnormativa? Palavra política, ética da fala e a questão do patológico*”, de Pedro Ambra; “*Psicanálise e homossexualidades: teoria, clínica e biopolítica*”, de Thamy Ayouch e “*As homossexualidades na psicanálise - na história de sua despatologização*”, organizado por Antonio Quinet e Marco Antônio Coutinho Jorge.

os caracteres sexuais, existem traços, signos que determinariam no corpo o ser sexuado, mas eles são secundários, pois o que de fato interessa ao corpo é a sua forma de gozar, paradoxal, cheia de impasses e falhas, sempre incompleta. O “ser é gozo do corpo como tal, quer dizer, assexuado.” (Lacan, 1972-1973/1985, p. 15). O que faz do ser, ser, e vivo, é o gozo do corpo como tal, que foge de qualquer tipo de rigidez lógica, escapa à razão e à ordem simbólica.

Para Lacan “há gozo do ser” (1972-1973/1985, p. 96), e se o gozo fálico se relaciona ao gozo do órgão, à um gozo suplementar, ao gozo cerceado pelo significante, podendo também relacionar-se ao gozo do saber, o gozo para além do falo corresponde ao gozo do ser, que escapa, que adentra o campo do estranho. O estranho faz referência àquilo que é estrangeiro, ao fascinante. Se para a medicina e para a moral o corpo e seu gozo estão vinculados intimamente ao controle e à reprodução, para psicanálise o gozo se relaciona justamente com aquilo que foge a qualquer forma de controle. O gozo, portanto, diz do irracional, do que escapa a racionalidade técnica, do impossível de se alcançar, buscando sempre ao infinito. Lacan diz que ali “aonde está o ser, há exigência de infinitude” (Lacan, 1972-1973/1985, p. 19).

A impossibilidade fala de um real do gozo, de um impossível de simbolizar. O Real resta sempre à simbolização, resistindo, fugidivo. Podemos pensar o corpo do Real a partir de um tempo pré existente às palavras, corpo de um lugar no pré-simbólico o qual a palavra ainda não o haveria mortificado. Segundo Fink

[...] o Real é, por exemplo, o corpo de uma criança "antes" do domínio da ordem simbólica, antes de controlar os esfíncteres e aprender os costumes do mundo. No curso da socialização, o corpo é progressivamente escrito ou sobrescrito com significantes; o prazer está localizado em determinadas zonas, enquanto outras são neutralizadas pela palavra e persuadidas a se conformarem com as normas sociais e comportamentais. Levando a idéia de Freud sobre a perversidade polimorfa às últimas consequências, é possível ver o corpo de uma criança como apenas uma zona erógena contínua, no qual não haveria zonas privilegiadas, nenhuma área na qual o prazer estivesse circunscrito no início (Fink, 1998, p. 43).

Ainda que por meio da linguagem o sujeito aprenda a conformar seu corpo, simbolizando-o a partir dos significantes ofertados pelo Outro, sempre vai existir algo que escapa, isso porque não devemos entender o Real somente vinculado à esse tempo prévio à palavra, como se no momento no qual a criança adentrasse o campo da linguagem, esse corpo pré-simbólico se perdesse por completo. Algo permanece, faz furo. Por isso uma melhor compreensão desse registro é entendê-lo como aquilo que resta a simbolização, (r)existindo sempre para além das habilidades linguísticas do falasser³.

O corpo, no campo do Real, é sinônimo de gozo. Corpo do Real, não por sua materialidade, mas justamente na medida em que não pode ser captado pelo significante, que gira à sua volta, lhe contorna buscando situá-lo, mas jamais consegue determiná-lo. O Simbólico faz borda no Real. Borda que tange, faz fronteira, comunica o interno com o externo, mas sempre escapa, sempre vai escapar. Porque diz de experiência, e a experiência não cabe no discurso da razão, o Real e o gozo do ser são da ordem do indizível. Ainda assim, os representantes pulsionais do Real estão a todo tempo fazendo borda ao corpo e talvez o mais próximo que possamos chegar de expressar esse encontro seja através da arte, da poesia, da dança.

Giorgio Agamben (2007) vai trabalhar o conceito de experiência a partir da ideia de uma infância, não no sentido de etapa cronológica, mas sim da possibilidade de um tempo onde o previsível dá lugar ao criativo, tempo que seria anterior à palavra, à esta palavra que, presa aos modelos lógicos, não faz mais que descrever, representar, mortificar. A infância é origem da linguagem e a linguagem, origem da infância, não havendo uma separação possível entre elas. O que Agamben propõe é a experiência como possibilidade de recuperação do sentido mítico e poético da experiência, daquilo que não se revela de imediato, onde língua e discurso estão em descontinuidade. Uma experiência pre-científica, singular e única, que supera a barreira entre racional/irracional.

Trazendo para o campo do corpo, podemos pensar naquilo que há de poesia e espontaneidade num corpo, aquilo que diz de uma marca única de expressão e potência criativa. Há algo de sagrado na movimentação cotidiana — que se esconde, dissimulado

³ Lacan passa a utilizar o termo falasser para designar esse sujeito habitado pela letra, ao que inclui o corpo como substância gozante.

pelas atividades de um corpo recortado pelo discurso moral, do corpo técnico e funcional — mas que pode ser percebido no detalhe, físgado naquilo que escapa, como potência que permite sair do previsível, revelando cada acontecimento, cada movimento como transformador, extraordinário. Essa experiência criativa e única só pode se dar através de um corpo vivo, que pulsa, que afeta e se deixa afetar, corpo potente, corpo que goza.

Andréa Vilanova (2010) vai dizer que Lacan decompõe a ação do simbólico, afirmando o significante como causa material do gozo, como o “índice de vida de um corpo” (Vilanova, 2010). Assim, palavra e corpo se misturam não pela ordem, mas pelo afeto. O significante, fora do discurso mortificador, afeta o corpo e nele cria movimento, dando vida àquilo que escapa ao tecnicismo.

O que faz a vida do corpo vai além da técnica, de suas funções ou de um mecanicismo descrito ou prescrito. Existe algo do corpo que diz de uma certa debilidade e de uma certa surpresa, algo que escapa e corrompe um funcionamento útil, maquinário, perfeitamente eficiente. O corpo enquanto substância gozante produz uma ruptura à qualquer pretensa crença na existência de um corpo programado, obediente.

O que a psicanálise estabelece como parâmetro de vida num corpo são os desvios inerentes à lógica da satisfação, os atropelos em que o sujeito se surpreende não sendo senhor em sua própria casa.” (Vilanova, 2010)

O corpo que goza subverte a ideia cartesiana da dualidade entre um corpo da ordem do orgânico e um psiquismo no campo do mental e da racionalidade. Enquanto substância gozante, o ser é a relação do orgânico com o pulsional, do que é marcado com aquilo que faz marca, da linguagem com o corpo, corpo que expressa sintoma, que fala e que goza.

Solo se baila animal.

Solo los animales bailan
porque bailar es previo al lenguaje.

Bailar es bestial,
es volverse (volver a ser) bestias.

Mirar los ojos de una bestia para entender algo del
mundo de la danza.

*

No hay cansancio, ni límite, hay movimiento.

Qué cosa es el cansancio sino el cuerpo asustado
ante el límite?

A punto de rendirse.

Fuera de ese límite el cuerpo es potencia.

Asymmetrical-Motion/Notas sobre pedagogía y movimiento

V. Do corpo equívoco

Imbuídos pelo sistema filosófico tradicional hegemônico, pela ciência e pelo sistema cristão, aprendemos a julgar o corpo como mero atributo da alma, instrumento imperfeito, perecível, descartável, pecador. Salvamos a consciência do fardo de carregar a própria carne, culpada e errante, dando, ora à alma, ora à razão, o posto de suprema indestrutível. Desde Platão, que via o corpo como um navio a ser pilotado pela mente/alma (Psykhé), o “sepulcro em que a alma está presa” (Montenegro, 2013), o corpo vem sido tomado como mero instrumento, algo a ser domado pela razão, devendo render-se à ela. A tradição filosófica, a ciência tecnicista, as ciências experimentalistas e do comportamento, a Igreja e o Estado vieram empenhando-se em apresentar-nos um corpo cárcere, instrumento falho, e uma mente que, empenhada, seria capaz de dominar as paixões, seja para libertar a alma, seja para adaptar-se a sociedade e ter status, seja por absoluto controle.

Mas o que é a alma se não há corpo? O que resta de alma de um corpo que morre se toda nossa experiência se dá através do corpo vivo, atravessada nele? Existe uma larga produção teórica acerca do psíquico, acerca da racionalidade e da consciência humanas, mas pouco sabemos a respeito do que pode um corpo para além daquilo que a mente diz sobre ele — e nos surpreende. Para Espinosa, altamente crítico do pensamento religioso cristão da sua época e que atacou firmemente as relações entre Igreja e Estado, essa separação entre corpo e alma é pretexto para que as paixões que acometem o corpo sejam vislumbradas como um perigo, algo que diz de um desequilíbrio da natureza. As grandes dualidades da nossa sociedade, natureza/cultura, emoção/razão, corpo/mente, mulheres/homens diz desse posicionamento prepotente da humanidade frente àquilo que crê poder dominar.

Grande filósofo do corpo, Espinosa vai dizer que ninguém determinou, até hoje, “o que pode o corpo, isto é, a experiência a ninguém ensinou, até agora, o que o corpo – exclusivamente pelas leis da natureza corporal, isto é, sem determinação da mente – pode e o que não pode fazer” (Espinosa, 2008, EIII, p2, Esc. p. 167).

Tal declaração nos convoca a desacomodarmos o sujeito (de Descartes), senhor de sua casa e suas ações: sequer sabemos do que nosso próprio corpo é capaz! E nos surpreendemos com o que resta do pouco que conseguimos apreender dele. Daquilo que resiste, retornando como falha, como equívoco.

A partir dos anos 1970, Lacan vai introduzir o conceito de Lalangue, lalíngua, sendo aquilo que dá nome à uma língua que está para além do sentido das palavras. Quinet (2017, p. 82) vai dizer que é o que “escapa do dicionário, na medida em que está para-além do campo semântico”. É por meio dela que se marca o sujeito enquanto um corpo falante de seu sintoma. A lalíngua é o que faz falar o corpo que goza, é o que restou de material sonoro recebido pelo sujeito, depositando-se, “ambíguo, equívoco, repleto de mal-entendidos, com diversos sentidos e, ao mesmo tempo, sem sentido” (2017, p. 82), no corpo do falasser.

Mas lalíngua não diz somente da linguagem, lalíngua é toda gozo. Lacan diz, no “Seminário L'insu que sait de l'une béveu”, citado por Quinet (2017, p. 82), que o gozo contido na lalíngua faz com que ela seja toda uma obscenidade. Acrescento que é assim como o corpo, assim como tudo o que escapa à racionalidade enclausuradora dos corpos.

A razão se surpreende com o corpo que lhe escapa e em sua rigidez, tenta amarrar o corpo para que ele não grite — mas o corpo grita. Nietzsche (1977), em “Assim falou Zaratustra”, livro do qual foi retirado o trecho que inicia este trabalho, vai debochar desse sujeito da razão, que se crê dono de si. Nomeado por Nietzsche de Eu, a ideia de si, que se julga soberana e coerente, construídos como imagem e discurso através do pensamento; em oposição ao Si-mesmo, como o próprio habitar do corpo, o corpo em si. Zaratustra diz:

“Teu Si-mesmo ri de teu Eu e de seus saltos orgulhosos. “Que são para mim esses saltos e voos do pensamento?”, diz para si. “Um rodeio até minha meta. Eu sou a andadeira do Eu e o soprador dos seus conceitos.” O Si-mesmo diz para o Eu: “Sente dor aqui!”. E esse sofre e reflete em como não mais sofrer — e justamente para isso deve pensar. O Si-mesmo diz para o Eu: “Sente prazer aqui!”. E esse se alegre e reflete em como se alegrar mais — e justamente para isso deve pensar (1977, p. 52)

Isso porque daquilo que acomete o corpo, o único que sabemos fazer é debatermos para encontrar algum sentido, é da natureza do falasser dar sentido às coisas. Mas fomos ensinados a buscar o sentido a partir da razão, e para a razão o corpo é erro.

Logo, se o desprezo pelo corpo é por excelência cristão, se o controle do corpo é uma ferramenta do Estado e se a mortificação do corpo, consequência do discurso, é por meio do equívoco que podemos nos acercar do gozo do corpo, gozo que administra a vida e que diz do poético e extraordinário de cada sujeito.

O gozo presente na lalingua é fonte de todos os afetos que restam enigmáticos (Lacan, 1972-73/1985, p. 190). Se é através da experiência que temos a possibilidade de recuperar o mítico e o poético do que ultrapassa a relação entre língua e discurso, é o corpo, errante, pecador, equivocado, o único lugar possível para que uma experiência faça sua morada. Somente um corpo vivo pode experienciar, movimentar o extraordinário, afetar-se. Um corpo morto não se equivoca. Somente um corpo vivo pode equivocar-se, por isso o equívoco anuncia, no detalhe, o que há de gozo e o que há de vida em um corpo. Só ali, talvez, no erro, possamos chegar a acessar algo da verdade.

“Yo digo siempre la verdad: no toda, porque de decirla toda, no somos capaces. Decirla toda es materialmente imposible: faltan las palabras. Precisamente por este imposible, la verdad aspira a lo real.” (Lacan, 1993 p. 75)

Janela sobre o corpo

A Igreja diz:

O corpo é uma culpa.

A ciência diz:

O corpo é uma máquina.

A publicidade diz:

O corpo é um negócio.

O corpo diz:

Eu sou uma festa.

Eduardo Galeano.

Referências bibliográficas

A BÍBLIA. *Jó capítulo 1 versículo 21* Versão Revista e Corrigida – Antigo Testamento Traduzida por João Ferreira de Almeida. Edição eletrônica disponível em:

[http://bvespirita.com/Biblia%20Sagrada%20-%20Antigo%20Testamento%20\(Joao%20Ferreira%20de%20Almeida\).pdf](http://bvespirita.com/Biblia%20Sagrada%20-%20Antigo%20Testamento%20(Joao%20Ferreira%20de%20Almeida).pdf)

AGAMBEN, G. *Infancia e Historia*, 2ª ed., Adriana Hidalgo Editora, Buenos Aires, 2007.

AMBRA, P. *A psicanálise é cisnormativa? Palavra política, ética da fala e a questão do patológico* Revista Periodicus, v. 1 n. 5, 2016. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/17179>

AYOUCH, Thamy. *Psicanálise e homossexualidades: teoria, clínica e biopolítica*. São Paulo: Editora CRV, 2015.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2003. Originalmente publicado em 1990

COHEN, C. *Punks, bulldaggers, and welfare queen: The radical potential of queer politics?* In *Black Queer Studies*. Eds. Duke UP, 2005

CONDRO, L.; Messiez, P. 2016 *Asymmetrical-Motion/Notas sobre pedagogía y movimiento* Editorial: Continta me tienes 81p.

CUKIERT, M; PRISZKULNIK, L. *Considerações sobre eu e o corpo em Lacan* In: Estudos de Psicologia 2002, 7(1), 143-149 disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v7n1/10961.pdf>

DREXLER, J. *Movimiento* álbum: Salvavidas de hielo. Warner: 2017

ESPINOSA, B. *Ética*. Trad. Tomaz Tadeu. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

FERREIRA, N. *Jacques Lacan: apropriação e subversão da lingüística* Rio de Janeiro: Ágora vol.5 no.1 Jan./June 2002 disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982002000100009>

- FINK, B. *O sujeito lacaniano*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1999. Publicação original: 1976
- GARCIA-ROZA, L.A. *O mal radical em Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- JORGE, M. A. C. *Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan*. Vol. 1: As bases conceituais Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- LACAN, J. *A terceira* In: *Intervenciones y textos 2*. Buenos Aires: Manantial, 1993. Edição original: 1974
- LACAN, J. *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*, in *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1953
- LACAN, J. *O estádio do espelho como formador da função do eu*. In: J. Lacan, *Escritos*. (V. Ribeiro, trad.; pp. 96-103). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. Edição original: 1966.
- LACAN, J. *O Seminário 14 Lógica del fantasma*. Clase 20. Del 31 de Mayo de 1967. Disponível em <http://www.tuanalista.com/Jacques-Lacan/14956/Seminario-14-La-logica-del-fantasma-pag.1.htm>
- LACAN, J. *O Seminário Livro 20, Mais ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. Edição original: 1972-1973.
- LACAN, J. *O Seminário, livro 19: ... ou pior*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012. Edição original: 1971-72.
- LACAN, J. *O Seminário, livro 4: As Relações de Objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Edição original: 1956-1957.
- LACAN, J. *Psicoanálisis Radiofonía & Televisión*. Editorial Anagrama, Barcelona, 1993. Edição original: 1977 Disponível em: <https://literaturabpcsimonrod.files.wordpress.com/2012/03/psicoanalisis-radiofonia-television.pdf>

LACAN, J. *Radiofonia*. In: Outros escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 400-47. Edição original: 1970.

MONTENEGRO, N. R. *O Corpo em Platão: uma investigação à luz dos diálogos Fédon e fedro*. in: FIEP Bulletin, v. 83, 2013 disponível em: <http://www.fiepbulletin.net/index.php/fiepbulletin/article/view/2834>

NASIO, J.-D. *Cinco lições sobre a teoria de Jacques Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1993

NIETZSCHE, Fridrich W. *Assim falou Zaratustra*. Tradução de Mário da Silva. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

PALACIO, L. *Cuerpo y goce*. In: *El cuerpo y sus registros*. Medellín: Asociación América Latina Norte – AALN, 2010.

QUINET, A; JORGE, M. A. C (orgs.). *As homossexualidades na psicanálise - na história de sua despatologização*. São Paulo: Segmento Farma Editores, 2013

QUINET, A. *Corpo e Linguagem*. In: *Estudo da Língua* P. 77-88 junho de 2017

RICH, A. *Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence*" in *Signs: Journal of Women in Culture and Society*, 5:631-60, 1980.

SOLER, C. *El cuerpo en la enseñanza de Jacques Lacan*. 2010, Disponível em:

<https://agapepsicoanalitico.files.wordpress.com/2013/07/colettesoler-elcuerpoenlaensenanzadejacqueslacan.pdf>

VILANOVA, A. *Um corpo, três registros: RSI. Considerações sobre o fenômeno psicossomático* In: *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*. vol.13 (1), Rio de Janeiro, Jan./Jun 2010. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982010000100005>